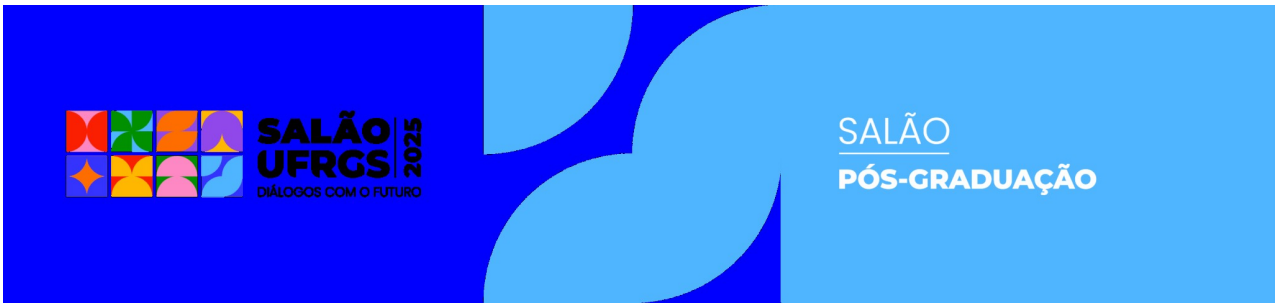


Evento	Salão UFRGS 2025: I SALÃO DA PÓS-GRADUAÇÃO
Ano	2025
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	Uma historicização marxista do Unheimlich freudiano
Autor	VINICIUS DE OLIVEIRA PRUSCH
Orientador	CARLOS AUGUSTO BONIFACIO LEITE

RESUMO: A pesquisa parte do ensaio de Theodor Adorno “Duas vezes Chaplin”, em que o autor conta uma história sua envolvendo ele e Chaplin: Adorno cumprimenta um homem que não tem uma das mãos, reage a isso de modo curioso e é, então, imitado por Chaplin. Esse ponto de partida me permite uma aproximação entre Adorno e a noção freudiana do Unheimlich, o incômodo. Na verdade, Adorno até cita o incômodo diretamente em seu trabalho, mas apenas para falar do fascismo. Meu interesse está no campo estético. Quero saber, mais especificamente, que tipo de leitura estética podemos fazer ao observar o conceito de Freud a partir da teoria de Adorno. Trata-se de uma historicização marxista de um conceito psicanalítico, basicamente, mas com foco na arte. (Estou propondo, portanto, uma combinação de campos: marxismo, psicanálise e estética. Freud ele mesmo já combina psicanálise e estética em seu ensaio sobre o incômodo. A metodologia aqui, contudo, é mais precisamente a dialética; ela se sobrepõe à psicanálise.) O incômodo, em Freud, remete não a algo radicalmente novo, como se entendia antes dele a partir de Ernst Jentsch, mas sim a algo muito conhecido e familiar. E o incômodo somente funciona, segundo Freud, porque remete ao *animismo* superado. Animismo é o nome que se dá à noção que muitos povos tradicionais têm de que tudo na natureza possuiria uma alma. Nos tempos animistas, ainda, o sujeito não estava plenamente formado, ao menos no sentido burguês de sujeito. O projeto do esclarecimento, dizem Adorno e Horkheimer, tem como inimigo primeiro justamente esse momento animista. O que se quer é dominar a natureza e os humanos a partir da técnica, do método, de um conhecimento que não quer apenas conhecer, mas assenhorar-se de tudo. Para isso, é preciso que haja uma unidade interna do sujeito, que se forma justamente em torno do valor - a força capitalista que iguala diferentes tipos de mercadoria e diferentes tipos de trabalho, que toma forma no dinheiro -, e que a visão desse sujeito do mundo seja racionalizada, ainda que por meio de *uma razão que não é plenamente racional*. Nesse sentido, postulo eu, parece que *o incômodo nos dá um vislumbre, ainda que momentâneo, daquilo que está para além do valor*. Como exemplo de leitura possível a partir dessa nova noção de incômodo, proponho uma revisitação do conto analisado por Freud, “O homem da areia”, de E. T. A. Hoffman. Nesse conto, a posição paterna é tão fundamental quanto ambivalente: de um lado, ele é o contador de histórias, de outro, o homem que trabalha. No delírio de Nathanael, parece haver uma indistinção, no que o pai e Coppelius estão fazendo, entre trabalho e misticismo, o que não deverá nos surpreender se tivermos em mente o valor. Poderíamos dizer que aí figura também certo medo do trabalho. Com uma clareza surpreendente, o pequeno Nathanael enxerga que o mercado transforma o trabalhador em mera peça de máquina, autômato. Sua clareza vem, contudo, revestida de crise psicótica. A verdade dita como uma mentira. É também interessante, nesse sentido, que Nathanael vire um acadêmico mais tarde. O acadêmico, ao menos se for como nosso protagonista, de certa forma retarda sua entrada no mercado de trabalho. O que ele faz não deixa de ser trabalho, mas é trabalho de uma espécie diferente. Mas o pai também é, relembro, o contador de histórias. E também aí, é claro, há certo misticismo: Nathanael gosta justamente dos seres assustadores que habitam esse mundo de sonhos. Dois tipos de incômodo parecem conviver no conto, é a partir dessa tensão que ele se move.
PALAVRAS-CHAVE: Incômodo; Animismo; O homem da areia.